

As parábolas de crescimento

P. Dr. Paulo Afonso Butzke

Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB

Parábolas são histórias imaginárias inspiradas na vida cotidiana, com as quais Jesus compara aspectos importantes do Reino de Deus. Entre elas estão as “parábolas de crescimento”, que falam das lides da agricultura, de semeadura, germinação das plantas, cultivo e colheita. Em aramaico, a língua que Jesus falava, o termo “parábola” tinha o sentido de “palavra enigmática”. Parábola é uma comparação que contém um enigma, um mistério, um elemento surpresa.

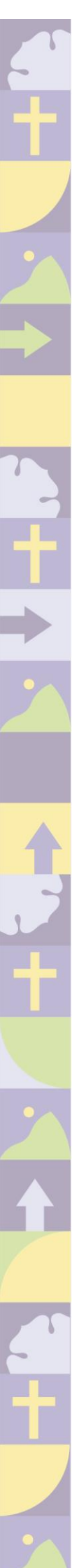
Em Marcos 4, tem início o ensino de Jesus ao povo através de parábolas, por vezes seguidas por explicações aos discípulos. A mais famosa é a parábola do semeador (Marcos 3.3-9). “*Escutem!*” – Jesus requisita especial atenção. Ou Jesus quer chamar atenção para algo que só aparentemente corresponde à experiência cotidiana? Como se um ouvir mais profundo fosse necessário, algo cuja compreensão também precisa germinar e crescer, como as sementes da parábola que ele acabou de contar.

São quatro histórias em uma só. Três histórias de perda e uma história de ganho. Elas ocorrem paralelamente. Interessante: não se fazem contas a respeito de prejuízos. Apenas a respeito dos ganhos – 30/60/100 por um.

Na primeira história, lemos que o semeador desperdiça 75% das sementes. São muitas sementes! E, por isso, temos uma pergunta que não quer calar: Por que o semeador não presta atenção e verifica antes qual solo de fato é fértil? Sempre há alguma semente que se perde. Mas tantas? Por que ele é tão descuidado? Será que tem sementes à vontade e pode se dar ao luxo de desperdiçar? Ou não entende nada de semear?

A atitude do semeador só é plausível e razoável se ele não sabe de antemão qual solo é fértil. Nesta perspectiva, não há desperdício – mas uma semeadura generosa, na esperança de que cada solo seja fértil. Se esta interpretação for adequada, compatível com a intenção de Deus, então Jesus de fato transcende em muito a realidade das lides agrícolas. Na explicação que ele dá aos discípulos (vv 13-20), ele deixa claro que as lides devem ser entendidas como metáforas para o Reino. No centro da explicação de Jesus está a semente, a “palavra”, o “Dabar Yahwé”, “a palavra de Deus”, o “logos” divino, que contém dentro de si poder para gerar vida, novidade, transformação, enfim, proporcionar o processo de crescimento. Lembro logo de Isaías 55.10-11.

No Novo Testamento, a palavra quer gerar fé naquele que é “a palavra”, o verbo que se fez carne e veio habitar entre nós. Intenção da semeadura desta palavra é que ela gere fé e vida – em todos os sentidos. No contexto específico do Evangelho de Marcos, “frutificar” é ingressar no discipulado de Jesus – ouvir, assimilar, seguir, tornar-se parte



da comunidade discípula, viver e anunciar o Evangelho do Reino. A Igreja recebeu do próprio Ressurreto a incumbência de continuar a semeadura da palavra. E assim o fazemos como Igreja de Jesus Cristo.

Mas, ao semear a palavra, continuamos não sabendo o que vai se revelar, como o solo duro da “beira do caminho”, onde a semente exposta é comida pelos pássaros; continuamos não sabendo o que vai se revelar com o solo rochoso, no qual a fina camada de terra permite uma rápida brotação e, no entanto, não cria raízes e seca; continuamos não sabendo em qual solo a semente terá que competir com cardos e espinheiros que irão lhe roubar os nutrientes. Tampouco sabemos qual solo será fértil e permitirá o crescimento das plantas e uma colheita farta. Semear é praticar a esperança; semear é dar início a um processo aberto para o futuro.

Apesar de tanta semente perdida pelo semeador, o milagre da colheita acontece. Uma colheita com tal ganho – 30/60/100 por semente – aponta para a intervenção divina. Desta forma, apesar dos percalços ao semear, a colheita é mais do que suficiente – para alimentar as pessoas e também para gerar novas sementes para um novo plantio. A intenção de Jesus é apontar para a fidelidade de Deus no processo de crescimento.

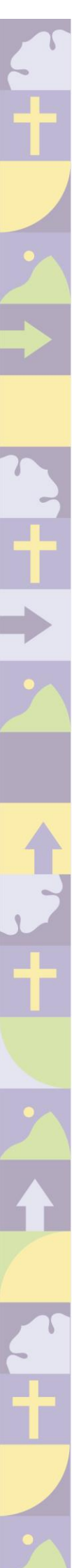
Em Marcos 4.26-29, é narrada uma segunda parábola de crescimento. Nesta, Jesus chama a atenção das pessoas ouvintes para o tempo entre a semeadura e a colheita – e assim aprofunda aspectos da parábola do semeador.

O agricultor semeia e depois é absorvido pelo ritmo da vida – noite/dia; dormir/acordar. Lembramos que nossa vida está emoldurada pelo ritmo do tempo disposto por Deus na criação. Deus cria a luz e assim surge a separação entre dia e noite; depois ele cria o espaço, a terra firme, separada das águas.

Sobre o nosso agricultor e seu ritmo de vida. Diz o texto que, enquanto ele vai vivendo no seu ritmo, a semente germina e cresce, sem que ele tenha ideia de como isso aconteceu. O texto grego fala em “automate” – “por si só” – primeiro o broto, depois a planta que se transforma em espiga madura cheia de grãos, pronta para ser colhida.

Nada espetacular, ou? Justamente por isso cabe a pergunta pelo impacto da parábola. Como as pessoas que a ouviram da boca de Jesus poderiam ter reagido? E como nós reagimos? Imagino alguns grupos distintos:

- a) para algumas pessoas, a parábola provavelmente gerou resistência e protesto. Há passividade demais diante da realidade do Reino;
- b) outras vão sentir tranquilidade e serenidade, porque a semente cresce automaticamente, sem que possamos influenciar. Somos responsáveis pela semeadura, pelo plantio. É atividade importante, essencial. O restante do processo, deixamos nas mãos de quem tem a possibilidade de fazer crescer;
- c) outras, ainda, possivelmente tenham críticas a esta atitude de tranquilidade, que pode rapidamente virar inércia. Talvez por isso nem Mateus nem Lucas incluíram a parábola em seus evangelhos. O “automate” poderia ser utilizado como desculpa para a indolência;



d) outras pessoas provavelmente foram consoladas com a mensagem da espiga cheia de grãos e da colheita. Há muitas pessoas que semeiam penosamente e aguardam ansiosamente pela colheita. A semeadura já está no passado e a colheita longe no futuro – o presente é tempo de espera paciente e de confiar no potencial da semente; também é tempo para as preces, para que Deus conceda graça e crescimento. Mas não consigo imaginar o agricultor zeloso e responsável que, com confiança, deixa esperançosamente o crescimento de sua lavoura nas mãos de Deus – deitado o dia todo na rede debaixo de uma sombra. Sua confiança em Deus vai levá-lo a um cultivo responsável, assim como dito em Eclesiastes 11.6.

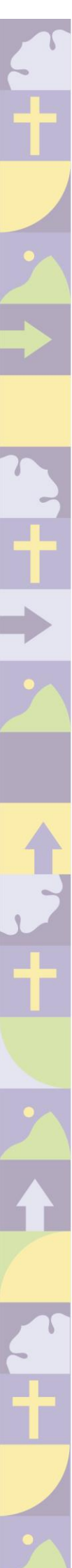
O cultivo faz parte do processo de crescimento e é responsabilidade de quem semeou. A passagem de Eclesiastes sugere uma atitude de curiosidade diante do que Deus deixa crescer hoje e amanhã. No contexto do Jubileu de 200 Anos de Presença Luterana no Brasil, também gera gratidão pelo que fez crescer entre nós ao longo destes dois séculos. Há muita semente na terra – qual está germinando e crescendo?

Outro aprofundamento encontramos na parábola da semente de mostarda, narrada por Marcos na sequência, em 4.30-32. Interessante é que Jesus inicia fazendo perguntas: *“Com que poderemos comparar o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?”* É um convite às pessoas ouvintes para pensar junto com ele. E, então, ele inicia: O Reino de Deus é como um... E agora imaginemos uma pausa, um suspense que deixa todas as pessoas na expectativa – o que ele vai dizer? Jesus resolve continuar. O Reino de Deus é como um grão de mostarda! E ele lembra as pessoas de que se trata da “menor das sementes”. Para quem esperava algo grandioso, que anticlímax, que antimarketing para o próprio Reino. No entanto, assim como a pequena semente de 2 mm germina oculta no solo, assim também é com o Reino de Deus. Ele não se impõe pela força, é sutil, suave, quase imperceptível, às vezes ambíguo, reconhecível apenas aos olhos da fé. E Jesus dá uma dica preciosa de como é possível reconhecê-lo: ele é um lugar de repouso e acolhida – assim como o pé da mostarda, que pode chegar a três metros de altura, o é para os pássaros. O Reino de Deus é assim. Nossas comunidades podem ser um lugar assim, de acolhida, de repouso, de restauração.

Em Mateus 13.24-30 – *“Jesus lhes propôs outra parábola, dizendo: — O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo... ...direi aos ceifeiros: ‘Ajuntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; mas recolham o trigo no meu celeiro’”*. Jesus não poderia falar da semeadura sem falar do inço, das ervas daninhas, neste caso, do joio.

Como qualquer erva daninha, o joio compete pelos nutrientes do solo com o trigo e atrapalha seu crescimento. Jesus conta esta história e convida as pessoas presentes a avaliar e a decidir a respeito do que fazer – introduzindo a discussão entre os servos e o dono da plantação. Os servos representam o senso comum – arrancar o joio, mesmo que algum trigo se perca. Esperar até a colheita iria dificultar tudo ainda mais, além do prejuízo para o processo de crescimento do trigo. Surpreende por isso a opção de deixar o trigo e o joio crescendo juntos até a colheita. Aqui vale o alerta típico de Jesus: *“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”*. Reconhecer a dimensão do Reino é o que importa.

Na explicação aos seus discípulos, Jesus deixa claro: *“A colheita é o fim dos tempos”* (13.39). Portanto, compete a Deus o julgamento definitivo. A comunidade não deve



julgar-se mutuamente. Mas Jesus é incisivo em chamar atenção para a realidade do mal que compete com o Reino e prejudica seu crescimento. Como já na explicação da parábola do semeador, ele agora também fala da presença do inimigo, identificado como o diabo. O “diábolos” é o difamador, o criador de confusão, aquele que joga umas pessoas contra as outras. Por isso, embora o julgamento pertença a Deus, o discernimento deve ser praticado pela comunidade discípula.

O que aprendo e quero compartilhar: as parábolas de crescimento pretendem chamar a atenção para a presença de Deus neste mundo, especialmente para o que ele semeia, faz brotar e frutificar. Elas animam para a confiança de que haverá boa colheita – apesar de sementes que se perdem, apesar do processo de crescimento se dar de forma encoberta e invisível para os olhos do agricultor, pelo menos durante um certo tempo. A semeadura divina é generosa e há muitas sementes em nosso solo, que irão germinar a seu tempo. Penso em todas as sementes lançadas ao longo dos 200 anos de IECLB – algumas germinaram, cresceram e deram fruto, outras se perderam, outras ainda podem estar crescendo em segredo e nos surpreender. Se nossa função é semear, então devemos fazê-lo com a mesma generosidade de Deus. Também em terrenos que não nos parecem terra boa, ou em solos em que até agora não temos tido coragem de semear.

Assim, parece-me que o grande desafio da IECLB contemporânea é aguçar a percepção para o novo, que surge justamente em tempos complexos e cheios de incertezas. É preciso adquirir sensibilidade para perceber o futuro que está emergindo entre nós. Projetos inovadores, desejados por todos nós. Onde é possível testar, experimentar, errar, corrigir, compartilhar – e seguir adiante.

<inserir link/QR para o vídeo da palestra disponível no portal>